

A disputa sino-estadunidense pela hegemonia mundial segundo extrapolações do modelo de Ray Cline

The sino-us dispute for world hegemony according to extrapolations from Ray Cline's model

Resumo: Diante do crescente acirramento da disputa sino-estadunidense pelo protagonismo no sistema internacional, este texto analisa o poderio de duas destacadas potências da atualidade segundo o modelo concebido por Ray Cline. A pesquisa visa delinear um possível cenário final da rivalidade por meio do emprego do modelo comparativo-dedutivo, com viés qualitativo e quantitativo. Diante de dados objetivos, utilizam-se análises subjetivas para dedução da realidade hodierna e de cenário futuro, reaplicando dados numéricos ao modelo da equação ajustado. Para isso, emprega-se a fórmula do poder perceptível, com as devidas modificações, esquivando-se do anacronismo. A pesquisa está embasada em fontes bibliográficas sobre a teoria do poder, na equação de Cline e em dados estatísticos coletados na hemerografia. A conclusão exposta é pela relativa vantagem estadunidense, especialmente diante do padrão de governança chinês, que dificulta o atendimento das aspirações sociais por parte do Estado e prejudica a percepção de que a China venha a ser uma potência hegemônica.

Palavras-chave: Teoria do Poder; Hegemonia global; EUA; China.

Abstract: In view of the increasing intensification of the Sino-American rivalry for leadership in the international system, this text analyzes the power of two prominent contemporary powers—the United States of America and the People's Republic of China—according to the model conceived by Ray Cline (1970), duly adapted with extrapolations. Its purpose is to outline a possible final scenario of this rivalry, taking as the central object of research the competition between two prominent States in the international system for global hegemonic power. Methodologically, it employs the comparative-deductive model, with both qualitative and quantitative approaches. Based on objective data applied to Cline's equation, it also uses subjective analyses to deduce the current reality and a future scenario, reapplying numerical data to the adjusted model. For this purpose, it employs the formula of perceptible power developed by Cline, with the necessary modifications, in order to avoid anachronism. It is grounded in bibliographic sources on the theory of power and Cline's equation, as well as statistical data collected from the hemerography. The study concludes, based on the numerical results obtained and the analyses conducted, that there is a relative US advantage over its rival, especially given the Chinese governance pattern, which hinders the State's capacity to meet social aspirations and, consequently, undermines the perception that China may become a hegemonic power.

Keywords: Power Theory; Global hegemony; USA; China.

Ricardo A. Fayal 

Universidade Federal Fluminense (UFF).
Escola Superior de Guerra
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
ricardo.fayal@esg.br

Ricardo R. Freire 

Instituto de Estudos Sociais e Políticos da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(IESP/UERJ). Escola Superior de Guerra
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
ricardo.freire@esg.br.

Recebido: 20 fev. 2025

Aprovado: 19 set. 2025

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa realizar uma análise acerca do poderio das duas maiores potências da atualidade e da disputa entre elas pela hegemonia no sistema internacional: Estados Unidos da América (EUA) e República Popular da China (RPC).

O acirramento da rivalidade entre essas potências globais serve de motivação para esta pesquisa, que tem como cerne perscrutar o poder perceptível entre ambos os contendores atualmente e em um futuro presumido.

No século XX, após a Segunda Guerra Mundial, o sistema de poder internacional ficou claramente fracionado entre dois Estados: EUA e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ambos considerados centrais para a política internacional. “Cada superpotência dominava uma coalizão de Estados aliados e competia com o outra superpotência pela influência em países não alinhados” (Huntington, 1999, p. 35, tradução nossa).

Essa bipolaridade estendeu-se até a dissolução da URSS, ocorrida em 1991, ensejando o fim da Guerra Fria. A partir de então, a geopolítica mundial foi guiada segundo a proeminência estadunidense. Esse modelo foi evidenciado na Guerra do Golfo, no início dos anos 1990, quando a invasão do Kuwait por tropas iraquianas provocou uma reação armada capitaneada pelos EUA e autorizada pela Organização da Nações Unidas (ONU).

Segundo Huntington (1999, 36, tradução nossa), a partir da década de 1990, o cenário internacional foi caracterizado por um “sistema unimultipolar com uma superpotência e várias grandes potências. [...] Os Estados Unidos, claro, são o único estado com proeminência em todos os domínios do poder – econômico, militar, diplomático, ideológico, tecnológico e cultural [...]”.

Entretanto, esse período de amplo protagonismo dos EUA sofreu um forte revés por ocasião do colapso do banco de investimentos Lehman Brothers Holdings Inc., em 2008, desencadeando uma crise no sistema financeiro mundial. A RPC, mesmo nesse momento negativo da economia mundial (2008), iniciou um processo de melhoria em suas finanças. Seu índice anual do crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) entre 2008 e 2018 chegou a 10%, sendo superior ao das demais nações nesse mesmo período (Silva, 2021).

A partir do robusto crescimento econômico chinês, o sistema de poder mundial começou a sofrer transformações mais intensas, com os EUA perdendo parte de sua grande fatia de autoridade global para um concorrente oriental. A partir de então, EUA e RPC têm protagonizado uma escalada de esforços cujo norte é a disputa pela influência em diversas regiões do planeta.

Porém, regressando à segunda metade do século XX e à evolução da Guerra Fria, constata-se que várias ferramentas foram elaboradas para a mensuração do poder dos Estados, todas basicamente voltadas para as duas grandes potências (EUA e URSS), bem como para avaliar o surgimento de outros protagonistas no sistema internacional. Nesse sentido, o analista de inteligência estadunidense Ray Steiner Cline (1918-1996) formulou uma equação cuja função é quantificar o poder das nações e ordená-las segundo um arranjo de valores.

Em busca de melhor entender e aquilatar esse embate que já vinha se estabelecendo entre EUA e China pela proeminência mundial, será utilizada a fórmula de Cline (1977) como agente indicador da trajetória histórica de desenvolvimento desses Estados. Isso se dará com base nas informações constantes desde a publicação da obra desse autor (década de 1970) até os dias atuais,

empregando-se variações da equação (principalmente para fugir ao anacronismo) e projeções futuras. Para tanto, o texto se vale de dados correntes e realiza extrapolações que permitem desvelar cenários de um horizonte temporal alargado.

Por razões de lógica e didática, este artigo utiliza uma metodologia comparativa-dedutiva, obedecendo uma abordagem quantitativa e, ao mesmo tempo, qualitativa. Conjuga a objetividade dos dados colhidos a informações e avaliações subjetivas, bem como seus significados, permitindo, assim, a dedução da presente realidade e do porvir.

Dessa forma, além destes escritos introdutórios, o texto discorre sobre o arcabouço conceitual acerca das características do poder e da equação de Cline. Também aborda o fenômeno da disputa entre os países pelo destaque no sistema internacional. De posse desse constructo teórico, por intermédio da aplicação da fórmula de Cline, dá-se a análise comparativa dos poderes percebidos dos EUA e da RPC, nos dias de hoje e em um cenário prospectivo.

Finalmente, diante dos dados quantitativos obtidos pela aplicação da equação de Cline, somados às análises subjetivas sobre os fatores que a compõem, o texto aborda a atualidade e a projeção sobre as dificuldades dos EUA da RPC em manter-se ou ascender, respectivamente, como potência hegemônica no sistema internacional.

2 ARCABOUÇO CONCEITUAL

Esta seção apresenta alguns aspectos introdutórios sobre a disputa de poder que grassa no sistema internacional e, a partir daí, aplica a fórmula desenvolvida por Ray Cline, com as devidas adaptações e extrapolações concebidas pelos autores, com vistas a contextualizar a equação pretérita aos dias de hoje e trasladá-la ao futuro.

2.1 Considerações preliminares

Conforme pensamento alinhavado por Morgenthau (2003), observa-se que os Estados ocupam posições no sistema internacional conforme seu poder e suas características próprias, as quais lhe conferem maior ou menor destaque.

Nessa toada, para Hoffmann (1991 *apud* Silva; Gonçalves, 2010, p. 255), esse dito sistema pode ser definido como

Um padrão de relações entre as unidades básicas da política mundial, caracterizado pelo alcance dos objetivos perseguidos por essas unidades e pelas tarefas efetuadas entre elas, assim como pelos meios empregados para lograr essas metas e efetuar essas tarefas. Esse padrão está em grande medida determinado pela estrutura do mundo, pela natureza das forças que operam através ou dentro das unidades principais e por capacidades, padrões de poder e culturas políticas dessas unidades.

A imposição das vontades de uma nação, dentro de um contexto político-econômico, também impacta as relações de dominância. O objetivo do poder é atingir os resultados desejados, às vezes de forma mais branda, outras vezes mais dura (Nye, 2011 *apud* Reis, 2011, p. 188).

Segundo Moreira Neto (1992 *apud* Brasil, 2018, p. 29), “o poder é um fenômeno em que sua vontade se manifesta, com capacidade de estabelecer uma relação da qual resultam efeitos desejados que não ocorreriam espontaneamente”.

As regras de poder, para serem exercidas, necessitam de dois ou mais atores. Para Bobbio (1998, p. 934), “não existe Poder, se não existe, ao lado do indivíduo ou grupo que o exerce, outro indivíduo ou grupo que é induzido a comportar-se tal como aquele deseja. Sem dúvida, como acabamos de mostrar, o Poder pode ser exercido por meio de instrumentos ou de coisas”.

Nesse sentido, Aron (2002) entende que o poder entre nações exige mais de um agente, consistindo em uma vinculação de interesses. Esse autor menciona que “No campo das relações internacionais, poder é a capacidade que tem uma unidade política de impor sua vontade às demais. Em poucas palavras, o poder político não é um valor absoluto, mas uma relação entre os homens” (Aron, 2002, p. 99).

O poder de um Estado tem ligação direta com seus recursos materiais disponíveis. Silva e Gonçalves (2010, p. 218) ressaltam que “a abrangência da política externa, de alcance regional ou global, por exemplo, resulta do poder relativo que um país exerce em relação aos demais membros da comunidade internacional”.

No sistema internacional, o poder de controlar, em certo grau, as atitudes entre Estados ou grupos é conhecido como poder relativo. Lê-se em Waltz (1979) a ideia de que os Estados ocupam posições distintas no sistema internacional com base em seu poder, que é avaliado pela comparação de suas capacidades. Embora essas capacidades pertençam aos próprios Estados, a forma como tais fatores são distribuídos é uma característica do sistema como um todo, não de unidades isoladas. Em suma, isso significa dizer que o poder estatal é completamente relativo.

Alinhado ao pensamento de Waltz (1979), Strange (1988) retrata que o poder confere ao ente mais forte, a capacidade de decisão sobre aqueles menos favorecidos.

Para Mearsheimer (2001), Estados agem na tentativa de maximizar seu poder relativo, portanto, sua posição na balança do poder mundial. Prosseguindo, o autor menciona que grandes potências tendem a raciocinar segundo a mentalidade de “soma zero”, em que o ganho de poder de um Estado significa a perda para outro.

Para emprestar maior objetividade aos preceitos teóricos acima alinhados, sem, porém, descartar a subjetividade do contexto humanístico, encontra-se a fórmula elaborada por Ray Cline (1977). A proposta desse autor consiste na seguinte equação: $Pp=(C+E+M)x(S+W)$. As letras da fórmula têm a significação descrita no Quadro 1.

Quadro 1 – Significado das letras da equação de Cline (1977)

FATORES	SIGNIFICADO
Pp	poder perceptível
C	massa crítica (população + território)
E	capacidade econômica
M	capacidade militar
S	estratégia nacional
W	vontade nacional

Fonte: Cline (1977, p. 33-37).

Nota-se que, com a aplicação da equação de Cline, o poder de um Estado não depende apenas de seus recursos tangíveis (como economia e força militar), mas também de sua capacidade de usá-los estrategicamente e de sua vontade política. A fórmula mescla recursos materiais e imateriais, tornando o poder estatal perceptível segundo aquilo que ele detém somado à vontade política e à capacidade de planejá-la e realizá-la, expressas por sua sociedade.

2.2 Disputa pelo protagonismo mundial

Com a Nova Ordem Mundial estabelecida no momento pós-Guerra Fria, os EUA firmaram-se como única superpotência global. Sendo assim, configurou-se um sistema internacional moldado segundo a hegemonia estadunidense. Tentativas de redefinição na geopolítica mundial, com ênfase nos espaços do Golfo Pérsico e da Ásia, foram levadas adiante durante o período de protagonismo dos EUA no ordenamento político das nações.

Vale ressaltar que a palavra “hegemonia” é originária do termo grego *hegemonía*, que significa preponderância de alguma coisa sobre outra ou poder absoluto. Na Grécia Antiga, os chefes dos exércitos eram denominados *hegemónes*. “No âmbito das relações internacionais contemporâneas, o emprego do termo está relacionado à imposição de poder preponderante de um Estado e de seus interesses sobre sistemas internacionais regionais ou globais” (Silva; Gonçalves, 2010, p. 118).

No contexto do início do século XXI, os EUA ainda se mantêm como potência protagonista no sistema internacional. Com crescimento anual de 2,5% (Economia ..., 2024) e gastos militares, em 2022, da ordem de US\$ 877 bilhões (Welle, 2023), essa nação apresenta notório destaque perante as demais nações do mundo.

Entretanto, no cenário mundial, a RPC tem obtido níveis de desenvolvimento bem acima dos EUA e demais potências do globo, tomando-se por base, também, os primeiros anos desta centúria. A economia chinesa obteve, em 2023, um crescimento em torno de 5,2 % (Lira, 2024). Seus gastos com a área de defesa, em 2022, foram de US\$ 292 bilhões (Welle, 2023).

Com índices que vêm crescendo de forma expressiva em relação aos EUA e demais nações, a RPC tem se tornado uma ameaça à liderança estadunidense.

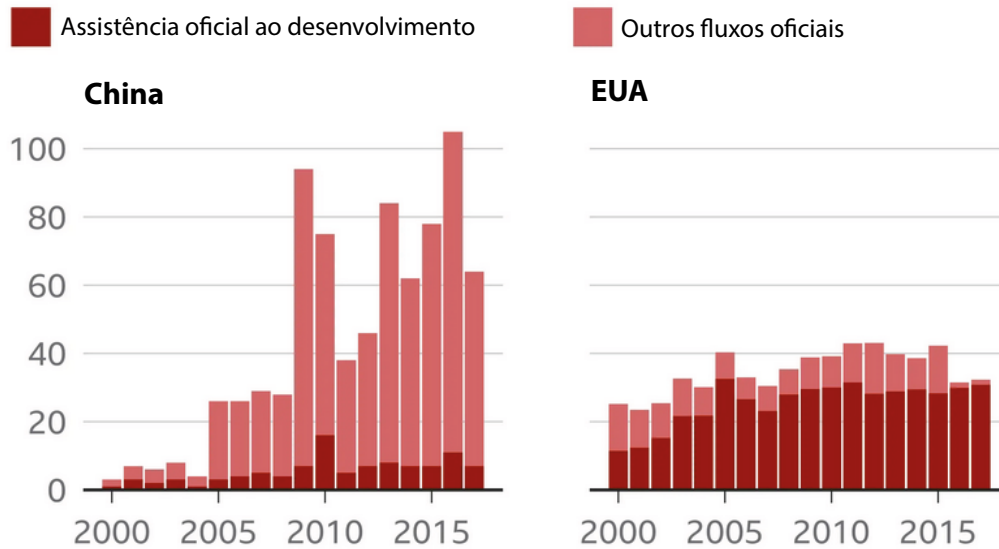
[...] verifica-se um deslocamento do poder estatal entre os Estados do Sistema, evidenciado pela redução do poder relativo dos Estados Unidos e pelo aumento do poder relativo da China, nação que em 2018 já concentrava grande parte dos fluxos financeiros e comerciais mundiais, maior participação nas organizações multilaterais financeiras e maior investimento militar (Silva, 2021, p. 3).

Corroborando a assertiva de Silva (2021), percebe-se que o acentuado processo de evolução chinês já traz frutos para o país, pois “já negocia mais com países emergentes e em desenvolvimento do que com EUA, Europa e Japão juntos” (Douglas; Fairless, 2023).

A Figura 1 explicita a real influência econômica chinesa no mundo, que já ultrapassa os EUA em termos de número de países cujo principal destino de exportação é um dos dois contendores.

Gráfico 1 – Empréstimos realizados pela China e EUA para outros Estados

Investimento da China vs. dos EUA (US\$ bilhões)



Fonte: Hatton (2021).

A equação de Cline, obviamente, consiste em apenas uma dentre as várias ferramentas conhecidas utilizadas na tentativa de quantificar o poder das nações. Vale ressaltar que esse poder é observado tanto por aspectos tangíveis como intangíveis, além das possíveis manipulações de dados realizadas pelos Estados. Portanto, enseja múltiplas interpretações que, por vezes, podem afetar a efetividade da mensuração, como explica Fontoura (2007, p. 16):

O que se exige a uma serena, lúcida e inteligente avaliação do poder nacional, encontrará obstáculos decisivos em avaliações inadequadas, por excesso ou por defeito, que decorrem da tendência que haverá, por excesso de confiança, de se admitir, nem sempre justificadamente, que se conhecem suficientemente bem, as tendências possíveis, o carácter e o animus do Estado contra o qual que se pretende agir; ou de admitir, sem maiores indagações, que é verdadeiro e fiável o conjunto de dados que se obtiveram; ou que são autênticas todas as informações que se coligiram, directa ou indirectamente, quem sabe se não fornecidos, insidiosamente, pelo próprio adversário; ou que está imune a erros a leitura a que se procede de todos os dados colectados; ou que não interferem juízos excessivamente subjectivos, como, v.g., uma enganadora empatia para com a entidade a julgar. Estas são, apenas, algumas das dificuldades com que se defrontará o avaliador de um poder nacional simplesmente percebido, não obstante todas as prevenções que se assumam.

Como primeira medição realizada pelo autor acerca do poder perceptível dos EUA e da RPC, datada em 1978 (Cline, 2019), tem-se o demonstrativo exposto na Tabela 1.

Tabela 1 – Pp dos EUA e da RPC em 1978

Países	Poder perceptível (1978)
EUA	304
RPC	83
Diferença percentual de Pp	72,70%

Fonte: Cline (2019, p. 342).

Dessa forma, por intermédio de extrapolações, levando em consideração a realidade temporal que marcou o lançamento da equação de Cline (1977) e a atualidade, buscar-se-á minimizar os efeitos desse hiato de pouco mais de 40 anos.

2.3.1 Poder perceptível dos Estados Unidos na atualidade

Inicialmente, o foco será o Pp dos EUA. Sendo assim, em observação à equação de Cline (1977), trabalhar-se-á na primeira seção dessa fórmula: $(C+E+M)$, iniciando com a mensuração da massa crítica (C), resultante da soma da população e do território ($C=P+T$).

Para tanto:

Cline pontuou os Estados de conformidade com a expressão numérica da sua população, elaborando uma lista que inclui as nações mais populosas por ordem decrescente do seu número. Aos países com mais de 200 milhões de habitantes, atribuiu 50 pontos, aos que têm de 100 a 200 milhões, 25 pontos, aos que se situam entre 50 e 100 milhões, 13 pontos e assim por diante, excluindo do estudo, por irrelevantes (ressalvadas as exceções já referidas), os países com menos de 15 milhões. Quanto ao território, levando em consideração a área, a localização geográfica e as potencialidades detectadas, Ray Cline atribuiu 50 pontos aos países com mais de 3,6 milhões de milhas quadradas, 40 pontos ao grupo que se situa entre 1,100 milhões e 3,6, decrescendo, sucessivamente, até 1 ponto (Cline, 1975 *apud* Fontoura, 2007, p. 26).

Assim sendo, os EUA têm 333.288.000 habitantes (Estados ..., 2022), cabendo-lhe 50 pontos relativos ao quesito P. Para o território (T), por compreender o espaço de 9.525.019 km² (Estados ..., 2022), performam também 50 pontos, já que extrapolam o mínimo estabelecido por Cline (1977 *apud* Fontoura, 2007, p. 26) de 3,6 mi², ou seja, 9.323.964 km². Sendo assim, a massa crítica (C) dos EUA, na atualidade, soma 100 pontos.

Segundo Cline (2019), no que diz respeito à capacidade econômica (E), a maneira mais realista para se mensurar o poder de uma nação deverá focar o PIB. Mesmo o autor tendo mencionado que existem ferramentas que podem adicionar ou subtrair valor ao potencial econômico baseado no PIB, como energia, minerais essenciais e produção de alimentos, entre outros, este trabalho seguirá um caminho mais “palpável”, considerando somente os dados referentes ao PIB, de maneira a esquivar-se de possíveis imprecisões relativas à China nesse quesito.

Prosseguindo, Cline (2019, p. 126) considerou, à época da mensuração do PIB (1978), que os EUA obteriam 100 pontos, uma vez que se tratava do país com o maior valor nesse aspecto,

cerca de US\$ 2,02 trilhões. Dentro do raciocínio de adequação dos valores de 1978 aos dias atuais, tem-se que o PIB estadunidense, em 2023, foi de US\$ 26,95 trilhões (FMI lista ..., 2023). Sendo assim, como esse valor continua a ser o mais elevado em relação às demais nações, conclui-se que fator E dos EUA permanece com 100 pontos, sendo que todas as demais nações são avaliadas proporcionalmente de acordo com seus respectivos PIB (Cline, 2019, p. 130).

Continuando, para Cline (1977), a capacidade militar (M) apresenta dupla vertente: a convencional e a nuclear. Para cada uma delas foram atribuídos 100 pontos como suas máximas cotações. Nesse sentido, equipamentos, adequação, qualidade, comando e volume do arsenal disponível são considerados fatores a serem aferidos “com algum grau de certeza” (Fontoura, 2007, p. 28).

Passando à vertente convencional (Vc) do poder militar, pode-se apoiar na avaliação disponível no índice do Global Fire Power (2025 United States Military Strength, 2025), que analisa mais de 60 fatores, tais como o arsenal e unidades militares, orçamento destinado à área militar, bem como sua logística e o posicionamento geográfico das Forças em questão. Segundo essa fonte, o *power index* dos EUA é de 0,0744, sendo que o poder militar perfeito seria de 0. Para tanto, a valoração dos Estados Unidos nesse aspecto será de 100 pontos, por ser o país com melhor escore global¹.

No que tange à vertente nuclear (Vn), segundo o Lowy Institute Asia Power Index (LIAPI, 2023a), sua mensuração foi realizada observando o poder nuclear que pode ser utilizado estrategicamente para deter um potencial agressor por intermédio de sua força de retaliação. O valor que coube aos EUA foi de 89,8 (LIAPI, 2023a). Como o poderio nuclear russo é de 97,1 – que lhe valeria 100 pontos –, o patamar dos EUA, proporcionalmente, é 7,52% inferior ao da Rússia.

Sendo assim, o escore estadunidense, obedecendo a essa proporcionalidade, contará com 92,48 pontos. Portanto, a capacidade militar total (M) estadunidense somará 192,48 pontos (Vc+Vn).

Seguindo o que prega Cline (2019), a segunda sessão da equação (S+W) vale 1 ponto para cada fator. Esse somatório é conhecido como fator de multiplicação e impacta diretamente a primeira seção da fórmula (C+E+M). Seguindo nessa toada, Cline (2019, p. 340, tradução nossa) ressalta em sua equação que

[...] o propósito nacional e o nacional [povo] possuem uma diferença crítica no poder relativo das nações. Nesse sentido é que os fatores multiplicadores constituem parte significativa entre o poder percebido acerca do Estado e seu desvio estratégico.

No que concerne à estratégia nacional (S), é “concebida e executada por qualquer Estado [e] visa atingir os objectivos fixados pelo poder político no contexto do conceito estratégico nacional” (Fontoura, 2007, p. 28-29). Segundo Cline (2019, p. 218, tradução nossa), “No caso de nações com planos estratégicos bem definidos para o exercício internacional do poder e o engrandecimento de sua influência, um número maior para o fator S poderá ser atribuído”, ou seja, 1 ponto.

¹ Tem-se, a partir daqui, a nítida adaptação da fórmula de Cline, posto que a mensuração obtida no portal eletrônico Global Fire Power só se dá a partir de 2005, por exemplo. Portanto, quando da formulação de Cline, em 1977, esse e outros escores não estavam disponíveis.

Para a mensuração de “S”, levou-se em conta as informações do LIAPI (2023b), que analisou dois tipos de informação: a forma de organização e planejamento dos Estados, no período de 2021 e 2022, a fim de exercerem a direção sobre as Forças Armadas em caso de conflito, com duração aproximada de dois anos; e a extensão e o posicionamento de um Estado em suas relações internacionais. Dessa forma, a soma dos índices de ambos os itens seria 200. Isso equivaleria ao valor máximo de 1 ponto. Os EUA contabilizaram nessa operação um escore de 189,3 (LIAPI, 2023b). Assim, segundo o caráter da proporcionalidade, o país obteve 0,95 pontos nesse quesito.

Em sintonia com essa robusta avaliação, entende-se que os EUA têm uma Estratégia Nacional bem definida e consonante com os objetivos nacionais do país. Segundo fontes governamentais estadunidenses,

O presidente Donald J. Trump assinou um Memorando Presidencial de Segurança Nacional (NSPM) com o objetivo de promover o investimento estrangeiro e, ao mesmo tempo, proteger os interesses de segurança nacional dos Estados Unidos, principalmente de ameaças representadas por adversários estrangeiros como a República Popular da China (Fact ..., 2025, tradução nossa).

No que diz respeito ao fator W (vontade nacional), Cline (1981, p. 13, tradução nossa) o define como

[...] o grau de resolução que pode ser mobilizada entre os cidadãos de uma nação em apoio às decisões governamentais sobre defesa e política exterior. A vontade nacional é a base sobre a qual a estratégia nacional é formulada e executada com êxito.

Para Cline (2019, p. 330), o fator W teria que ser analisado segundo suas três partes constituintes: nível da integração cultural, força da liderança nacional e a coerência entre a estratégia nacional e o interesse nacional.

Segundo Cline (1981), à época, somente URSS, EUA e RPC apresentavam um conceito estratégico integrado, ou seja, a estratégia nacional desses Estados contava, desde o final do século XX, com o fator “vontade nacional” que a sustentasse e viabilizasse.

Na ótica de Fontoura (2007, p. 31),

A delicadeza dos juízos a fazer na apreciação desses elementos tem exigências muito subtis, de carga eminentemente subjectiva. A vontade nacional percebida resulta da complexa conjugação de elementos que mergulham as suas raízes nos meandros da história dos países.

Sendo assim, levando-se em consideração os óbices expostos para uma mensuração fidedigna acerca da vontade nacional, optou-se por valorizar os apontamentos de Cline (2019) colhidos em 1978, que estabelecem um valor de 0,4 pontos para o fator W dos EUA.

Como avaliação total do poder percebido, seguindo a equação de Cline (1977), após análise de informações mais recentes, chega-se à pontuação exposta na Tabela 2.

Tabela 2 – Pp dos EUA na atualidade

Itens	Fatores	Pontuação máxima dos fatores	Poder perceptível dos EUA (pontuação)
1	Massa crítica (C)	100	100
2	Capacidade econômica (E)	100	100
3	Capacidade militar (M)	200	192,48
4	SUBTOTAL (A)	400	392,48
5	Estratégia nacional (S)	1	0,95
6	Vontade nacional (W)	1	0,4
7	SUBTOTAL (B)	2	1,35
-	PRODUTO (A×B)	800	529,85

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

2.3.2 Poder perceptível da China na atualidade

A partir deste ponto, este trabalho analisará o Pp da RPC. Como já foi esmiuçada a parte conceitual acerca dos fatores que compõem a equação de Cline (1977) – $Pp=(C+E+M) \times (S+W)$ –, o texto se restringirá somente ao tratamento dos dados e à consolidação dos pontos e resultados.

No que concerne à massa crítica (C) da RPC, tem-se que a população (P) chinesa é de 1.425.671.000 habitantes (Estados ..., 2022), o que, segundo Cline (2019, p. 85), lhe valeria 50 pontos. Cabe ressaltar que Cline (2019, p. 89), em 1978, retirou 25 pontos da China no que tange a P, tendo em vista que esse país tinha um índice PIB *per capita* abaixo de US\$ 500, o que denotaria uma população de baixa renda. Entretanto, como a RPC apresentava, já em 2022, um PIB *per capita* por volta de US\$ 1.060,00 (GDP per capita, 2022), a perda de pontuação mencionada por Cline (2019) torna-se incabível no tempo presente.

No que diz respeito ao território (T), a China conta com 9.562.862 km² (Estados ..., 2024), o que lhe fornece 50 pontos. Portanto, à massa crítica (C) chinesa, no tempo presente, será atribuído o valor de 100 pontos.

Quanto à capacidade econômica (E) da RPC, verifica-se que, em 2023, o PIB chinês alcançou a marca de US\$ 17,7 trilhões (FMI lista ..., 2023). Partindo do patamar estadunidense, por ser o maior PIB mundial e equivalendo a 100 pontos, tem-se que, pela proporcionalidade abordada por Cline (2019, p. 129), a RPC contará com 66 pontos.

No que diz respeito à capacidade militar (M) chinesa, verifica-se que o *power index* de sua vertente convencional (Vc) é de 0,0788 (2025 United States Military Strength, 2025). Partindo do nível dos EUA, que soma 0,0744, em que 0 seria o “estado da arte”, observa-se que o *power index* chinês é menos de 1% inferior ao estadunidense, o que lhe vale 99 pontos.

Quanto à vertente nuclear (Vn) da capacidade militar, a RPC tem um *power index* de 75. Portanto, como o index nuclear russo (97,1) equivale a 100 pontos, a China obtém, proporcionalmente, 77,24 pontos. Sendo assim, a capacidade militar (M) chinesa é de 176,24 pontos (Vc+Vn).

Analisando a parte dos fatores multiplicadores, no que diz respeito à estratégia nacional (S) tem-se que, segundo a LIAPI (2023b), a RPC conta com index de 153,9. Sendo assim, como o nível estadunidense é 189,3 e equivale a 1 ponto, conclui-se que a RPC obterá 0,81 pontos.

Tratando da vontade nacional (W) chinesa, como explicitado por Cline (2019), o país foi avaliado com 0,2 pontos. Cabe ressaltar que, apesar da robusta evolução econômica chinesa desde 1978, optou-se pela manutenção da mensuração da “vontade popular” atribuída. Essa atitude deveu-se às recomendações do próprio Cline (1981), que ressalta o valor da participação do povo e de seu apoio às decisões governamentais para a valoração de W. Portanto, como a RPC não alterou sua forma de atuação estatal e não tem privilegiado o envolvimento popular nas questões nacionais durante essas quatro décadas, supõe-se que não exista motivo relevante para revisão do valor de W.

Na consolidação das avaliações acerca dos fatores multiplicadores (S+W) dos EUA em relação à RPC, é possível observar uma importante desvantagem com relação à pontuação chinesa. Nessa toada, Cline (2019, p. 340, tradução nossa) menciona que “um sistema totalitário tem muitas deficiências e a supressão da liberdade e iniciativa individual prejudica o desenvolvimento de um alto nível de evolução dentro de uma sociedade”. Prosseguindo, o autor menciona que a RPC, apesar de contar com algumas vantagens quanto à facilidade de imposição de deliberações estatais sobre a população, alijada de “voz ativa”, apresenta, pelos mesmos motivos, deficiências por não ter coerência entre as políticas estratégicas do Estado e os anseios nacionais (Cline, 2019, p. 341).

Consoante com as informações e os cálculos obtidos, o Pp chinês pode ser visualizado na Tabela 3.

Tabela 3 – Pp da RPC na atualidade

Itens	Fatores	Pontuação máxima dos fatores	Poder perceptível da RPC (pontuação)
1	Massa crítica (C)	100	100
2	Capacidade econômica (E)	100	66
3	Capacidade militar (M)	200	176,24
4	SUBTOTAL (A)	400	342,24
5	Estratégia nacional (S)	1	0,81
6	Vontade nacional (W)	1	0,2
7	SUBTOTAL (B)	2	1,01
-	PRODUTO (A×B)	800	345,66

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

2.3.3 Comparativo do Pp entre Estados Unidos e China na atualidade

Consolidando as informações obtidas acerca do poder perceptível dos EUA e da RPC, obtidas em 1978 e nos tempos hodiernos, tem-se o modelo comparativo exposto na Tabela 4.

Para que se possa vislumbrar o avanço do Pp chinês em relação ao estadunidense, no período compreendido entre 1978 e os dias atuais, foi elaborada a Tabela 5, contendo a valoração desses dois momentos.

Tabela 4 – Comparação de Pp entre EUA e RPC atual

Itens	Fatores	Pp dos EUA	Pp da RPC
1	Massa crítica (C)	100	100
2	Capacidade econômica (E)	100	66
3	Capacidade militar (M)	192,48	176,24
4	SUBTOTAL (A)	392,48	342,24
5	Estratégia nacional (S)	0,95	0,81
6	Vontade nacional (W)	0,4	0,2
7	SUBTOTAL (B)	1,35	1,01
8	Pp atual (A×B)	529,85	345,66
9	Diferença percentual de Pp EUA-RPC atual	34,76%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Tabela 5 – Crescimento do Pp da RPC em relação ao dos EUA

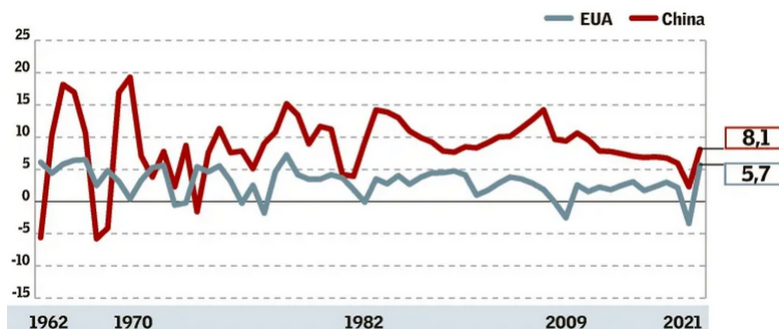
Itens	Fatores	Pp EUA	Pp RPC
1	Pp em 1978 (Cline, 2019)	304	83
2	Diferença percentual de Pp EUA-RPC – 1978		72,70
3	Pp atual (A×B)	529,85	345,66
4	Diferença percentual de Pp EUA-RPC – Atual		34,76
-	Redução do hiato entre o Pp da RPC e dos EUA de 1978 até a atualidade		37,94

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Por intermédio da observância dos dados já explicitados nas Tabelas 4 e 5, infere-se que a diferença de Pp entre EUA e China decresceu 41,56%. Portanto, em pouco mais de quatro décadas houve uma queda muito relevante em termos de percentuais observados em 1978.

Nesse sentido, comparando a série histórica de crescimento percentual do PIB dos dois países, por intermédio do Gráfico 2, pode-se concluir que, a continuar com evolução desse fator, o protagonismo econômico estadunidense perderá relevância diante do poderio chinês.

Gráfico 2 – Evolução percentual do PIB EUA/RPC



Fonte: Wei (2022).

Seguindo nessa projeção, o jornalista brasileiro Ricardo Gozzi (2023), baseado em estimativas para o ano de 2075 realizadas pelo Goldman Sacks Research, relatou que o PIB

chinês alcançará o patamar de US\$ 57 trilhões, ultrapassando o dos EUA, que chegará à cifra de US\$ 51,5 trilhões. Verificando a diferença percentual que resultaria dessa projeção, chega-se ao resultado de que a RPC obterá um poder econômico 9,65% superior ao dos EUA.

Prosseguindo nessa lógica, com a utilização desses prognósticos de Gozzi (2023) em relação aos PIB das duas potências, que retratam uma preponderância econômica chinesa para 2075, entende-se que um cálculo do poder perceptível dos EUA e da RPC, consideradas tais suposições, alteraria não só a capacidade econômica dos dois Estados, como também seu poderio militar (M), uma vez que é alicerçado pela capacidade financeira de ambos.

Para tanto, como o fator E chinês seria o maior do sistema internacional, receberia 100 pontos. Utilizando-se a proporção em que os EUA estariam sendo suplantados (9,65%), aos estadunidenses seriam concedidos 90,35 pontos.

Como já foi mencionado, partindo do pressuposto de que o crescimento da capacidade militar acompanha proporcionalmente o econômico, entende-se que o robusto desenvolvimento estimado chinês acabaria por colocar o país como a nação com maior capacidade militar do mundo, superando, inclusive, a Rússia na vertente nuclear. Portanto, à RPC seriam atribuídos 200 pontos no fator M. Os EUA, por conseguinte, em escala proporcional, 9,65% abaixo do nível de M chinês, ficariam com 181,93 pontos.

Como não se visualiza, a médio prazo, uma real transformação nos modelos políticos da RPC e dos EUA, especialmente quanto ao nível de participação popular nos destinos da nação, bem como na ligação entre os planejamentos estratégicos do Estado e os interesses da sociedade nacional, considera-se que os fatores multiplicadores (S+W) não devam sofrer alteração.

Isso posto, a Tabela 6 reproduz esse novo cálculo inspirado nas estimativas projetadas por Gozzi (2023) para o ano de 2075.

Tabela 6 – Comparação de Pp entre EUA e RPC segundo estimativas de Gozzi (2023)

Itens	Fatores	Pp EUA	Pp RPC
1	Massa crítica (C)	100	100
2	Capacidade econômica (E)	90,35	100
3	Capacidade militar (M)	181,93	200
4	SUBTOTAL (A)	372,28	400
5	Estratégia nacional (S)	0,95	0,81
6	Vontade nacional (W)	0,4	0,2
7	SUBTOTAL (B)	1,35	1,01
8	Pp projetado para 2075 (A×B)	502,58	404,00
9	Diferença percentual de Pp EUA-RPC (Ano de 2075 – estimativa)	19,61%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

2.3.4 Importância do setor tecnológico e a liderança estadunidense

No mundo atual, a tecnologia tornou-se um dos principais motores do poder dos Estados. Mais do que um setor econômico, ela define a capacidade de cada país competir, inovar e projetar influência internacional. Segundo Schwab (2016), vive-se em plena era da revolução

tecnológica, que imporá profunda transformação na humanidade. O autor ainda menciona que os Estados que melhor se adaptarem a essas mudanças conseguirão obter mais vantagens em relação aos demais.

Entende-se, portanto, que seja lícito adicionar à fórmula de Cline (2019) aspectos relativos ao desenvolvimento tecnológico das potências *in focus*. É com esse propósito que se destacam relatórios de referência mundial, como o Network Readiness Index (NRI) e o Global Innovation Index (GII), que procuram mensurar até que ponto as nações estão preparadas para responder aos desafios da era digital.

O NRI (Dutta; Lanvin, 2024) consiste em um dos principais índices globais sobre a aplicação e o impacto das tecnologias da informação e comunicação nas economias do mundo. Na edição de 2024, conforme a Tabela 7, os EUA aparecem em 1º lugar, com 78,96 pontos, enquanto a RPC ocupa a 17ª colocação, com 68,70 pontos.

Tabela 7 – Pontuação dos países segundo o NRI

Posição	País	Pontuação
1	EUA	78,96
2	Singapura	76,94
3	Finlândia	75,76
4	Suécia	74,99
5	Coréia do Sul	74,85
6	Países Baixos	73,94
7	Suíça	73,71
8	Reino Unido	73,57
9	Alemanha	73,54
10	Dinamarca	72,7
11	Canadá	71,76
12	Japão	70,96
13	Israel	70,46
14	Noruega	69,7
15	Austrália	69,43
16	França	68,71
17	China	68,7

Fonte: Adaptado pelos autores com base em NRI (Dutta; Lanvin, 2024, tradução nossa, grifos nossos).

Já o GII (WIPO, 2024) trata de índices que, em forma de ranking, servem para posicionar e avaliar as capacidades e os resultados de inovação das economias de 133 países, bem como dos 100 principais *clusters* de ciência e tecnologia do mundo. A medição se baseia em critérios que incluem instituições, capital humano e infraestrutura de pesquisa, crédito, investimento, vínculos, criação, absorção e difusão de conhecimento e resultados criativos. Segundo consta na 17ª edição do GII, lançada em 2024 e retratada na Tabela 8, os EUA se classificam na 3ª posição, com 62,4 pontos. A RPC aparece na 11ª posição, contabilizando 56,3 pontos.

Tabela 8 – Pontuação dos países segundo o GII

Posição	País/Região	Pontuação
1	Suíça	67.5
2	Suécia	64.5
3	Estados Unidos da América	62.4
4	Singapura	61.2
5	Reino Unido	61.0
6	Coréia do Sul	60.9
7	Finlândia	59.4
8	Países Baixos	58.8
9	Alemanha	58.1
10	Dinamarca	57.1
11	China	56.3

Fonte: Adaptado pelos autores, com base em GII (WIPO, 2024, tradução nossa, grifos nossos).

Diante dos resultados apontados nas Tabelas 7 e 8, percebe-se que a dimensão tecnológica, notadamente marcada pela economia digital e inovação científica, acaba por demonstrar o protagonismo dos EUA em relação à RPC. Portanto, entende-se que essa proeminência estadunidense na área da tecnologia não altera os cálculos apresentados no item 2.3.3, mas os complementa e reforça ao comprovar que o destaque da potência ocidental, no que tange ao Pp, encontra sustentação também no âmbito da ciência, tecnologia e inovação.

3 CONCLUSÃO

O poderio estadunidense vem se mantendo no topo da escala mundial desde o século passado. Entretanto, esse *status quo* tem sido submetido a uma atitude revisionista chinesa, alicerçada por sua pujante economia.

Tomando como base o raciocínio de “soma zero” já mencionado, entende-se que o poder angariado pela RPC produz, como consequência, um decréscimo na primazia dos EUA. Nesse sentido, as duas potências têm usado medidas que visam impulsionar seus respectivos poderes e retrain a influência do outro no cenário internacional.

Segundo uma análise dos primeiros elementos da equação de Ray Cline (C+E+M), que se dedicam a mensurar aspectos mais concretos e objetivos do poder perceptível, visualiza-se que a capacidade econômica e militar estadunidense ainda demonstra relevante superioridade em relação à chinesa, até mesmo se, ao longo dos anos, esse hiato se reduzir substancialmente.

No que diz respeito aos fatores multiplicadores (S+W), responsáveis por emprestar à primeira parte da fórmula de Cline, ainda que subjetivamente, uma valoração que interfere de maneira significativa na primeira parte da equação, além de apresentar conteúdo voltado às políticas governamentais e à simbiose entre o Estado e a sociedade, percebe-se que os EUA dispõem de notória vantagem em relação à RPC. Essa superioridade denota a estreita ligação com a capacidade de a sociedade estadunidense influenciar e se fazer representada na elaboração de estratégias alinhadas aos seus interesses nacionais.

Tomando como base o exercício matemático consolidado na Tabela 6 – Comparação de Pp entre EUA e RPC segundo as estimativas de Gozzi (2023) –, deduz-se que, mesmo supondo que a economia chinesa continue sua trajetória de ascensão no cenário internacional, seu Pp, segundo a equação de Cline (1977), não ultrapassaria o estadunidense. Isso se deve, principalmente, ao modelo autoritário do governo chinês e sua respectiva influência negativa sobre o Pp do país.

Ao mesmo tempo, o cenário de competição não pode ser compreendido sem a incorporação de variáveis contemporâneas, em especial a dimensão tecnológica. Como visto no item 2.3.4, os resultados do NRI e do GII confirmam a liderança norte-americana em infraestrutura digital e inovação científica, fatores que reforçam o Pp dos EUA no sistema internacional

Portanto, pode-se inferir que, seguindo o formato da equação de Cline no que concerne ao Pp estadunidense e chinês, para que se estabeleça uma real possibilidade de mudança no *status quo* (protagonismo dos EUA) em prol da RPC, segundo a metodologia deste trabalho, faz-se necessária, entre outros aspectos, uma considerável transformação do padrão de governo chinês, seguindo fundamentos mais democráticos e de valorização dos anseios de sua sociedade.

REFERÊNCIAS

ARON, R. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília, DF: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BOBBIO, N. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília, DF: Editora UnB, 1998.

BONFIM, U. C. **Geopolítica**. Rio de Janeiro: ECEME, 2005.

BRASIL. Escola Superior de Guerra. **Fundamentos do Poder Nacional**. Rio de Janeiro: ESG, 2018.

CLINE, R. S. **World power assessment: a calculus strategic drift**. Boulder: Westview Press, 1977.

CLINE, R. S. Avaliação do Poder Mundial – LS5-81. **Escola Superior de Guerra**, n.115, 1981.

CLINE, R. S. **World Power Trends and U.S. Foreign Policy for the 1980s**. Nova York: Routledge, 2019.

DOUGLAS, J.; FAIRLESS, T. Rivalidade entre EUA e China divide economia global em dois centros de poder. **Valor Econômico**, 8 nov. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2023/11/08/rivalidade-entre-eua-e-china-divide-economia-global-em-dois-centros-de-poder.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2024.

DUTTA, S.; LANVIN, B. (eds.). **Network Readiness Index 2024: Building a digital tomorrow: public-private partnerships for digital readiness**. [s. l.]: Confederação Nacional da Indústria, 2024. Disponível em: <https://download.networkreadinessindex.org/reports/data/2024/nri-2024.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

ECONOMIA dos EUA cresce 2,5% em 2023, impulsionada pelo consumo. **UOL**, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2024/01/25/economia-dos-eua-cresce-25-em-2023-impulsionada-pelo-consumo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 11 mar. 2024.

ESTADOS Unidos da América. **Dados Mundiais.com**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/america/usa/index.php>. Acesso em: 18 mar. 2024.

FACT sheet: President Donald J. Trump encourages foreign investment while protecting national security. **The White House**, Washington, DC, 21 fev. 2025. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/fact-sheets/2025/02/fact-sheet-president-donald-j-trump-encourages-foreign-investment-while-protecting-national-security/>. Acesso em: 14 set. 2025.

FMI LISTA as 20 maiores economias em 2023; veja posição do Brasil. **CNN Brasil**, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/>

fmi-lista-as-20-maiores-economias-do-mundo-em-2023-veja-posicao-do-brasil/. Acesso em: 8 mar. 2024.

FONTOURA, L. O poder na relação externa do estado: a equação de Cline. **Cadernos Navais**, Lisboa, n. 21, 2007.

GDP PER CAPITA. **The World Bank Group**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.PCAP.CD?locations=CN>. Acesso em: 3 abr. 2024.

GOZZI, Ricardo. Nova Ordem Econômica. **Seu dinheiro**, 10 jul. 2023. Disponível em: <https://www.seudinheiro.com/2023/internacional/india-goldman-sachs-pib-projecao-rsgp/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

HATTON, C. China: Big spender or loan shark? **BBC**, 29 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-58679039>. Acesso em: 11 mar. 2024.

HUNTINGTON, S. P. The lonely superpower. **Foreign affairs**, Nova York, v. 78, n. 2, p. 35-49, 1999.

LIAPI – LOWY INSTITUTE ASIA POWER INDEX. Nuclear Deterrence. **Lowy Institute Asia Power Index**, 2023a. Disponível em: <https://power.lowyinstitute.org/data/resilience/nuclear-deterrence/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

LIAPI – LOWY INSTITUTE ASIA POWER INDEX. Organisation: command and control. **Lowy Institute Asia Power Index**, 2023b. Disponível em: <https://power.lowyinstitute.org/data/military-capability/armed-forces/organisation-command-and-control/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

LIRA, R. China repete a meta “ambiciosa” de crescimento do PIB em “cerca de 5%” em 2024. **InfoMoney**, 5 mar. 2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/china-repete-a-meta-ambiciosa-de-crescer-cerca-de-5-em-2024/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MEARSHEIMER, J. J. **The tragedy of great power politics**. Nova York: W.W., 2001.

MORGENTHAU, H. J. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. São Paulo: Clássicos Ipri, 2003.

REIS, Bruno Cardoso. O poder e as relações internacionais: entrevista com Joseph Nye. **Relações Internacionais**, set. 2011. pp. 181-190.

SCHWAB, K. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

SILVA, C. P. N. **A reemergência da China no pós-crise econômica de 2008 e a reconfiguração do Sistema Internacional**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2021.

SILVA, G. A.; GONÇALVES, W. **Dicionário de relações internacionais**. 2. ed. Barueri: Manole, 2010.

STRANGE, S. **States and markets**. Londres: Continuum, 1988.

SULLIVAN, A. El futuro de la guerra comercial: ¿con EE. UU. o con China? **DW**, 15 jan. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/es/el-futuro-de-la-guerra-comercial-del-lado-de-ee-uu-o-de-china/a-52013784>. Acesso em: 11 mar. 2024.

WALTZ, K. N. **Theory of international politics**. Long Grove: Waveland Press, 1979.

WEI, L. Biden e Xi disputam quem terá PIB maior. **Valor Econômico**, 4 jul. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/07/04/biden-e-xi-disputam-quem-tera-pib-maior.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2024.

WELLE, D. Gastos militares globais crescem pelo oitavo ano seguido. **Carta Capital**, 24 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/gastos-militares-globais-crescem-pelo-oitavo-ano-seguido/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

WIPO – WORLD INTELLECTUAL PROPERTY ORGANIZATION. **Resumo executivo: índice global de inovação 2024**. [s. l.]: WIPO, 2024. Disponível em: <https://www.wipo.int/edocs/pubdocs/pt/wipo-pub-2000-2024-exec-pt-global-innovation-index-2024.pdf>. Acesso em: 11 set. 2025.

2025 United States Military Strength. **Global Fire Power**, [s. l.], 2025. Disponível em: https://www.globalfirepower.com/country-military-strength-detail.php?country_id=united-states-of-america. Acesso em: 14 set. 2025.